

CÓDICE CALISTINO

Um dos protagonistas deste ano foi, curiosamente, um livro: o *Códice Calistino*. Foi muito o que se falou dele nos últimos meses, e, porém, ainda não sabemos quando nada do que as suas páginas dizem. O roubo deixou em evidência o completo desleixo institucional face ao nosso património nacional, e os privilégios extralegais da Igreja, mas não nos ajudou demasiado a conhecer o Códice em si.

CRIAÇOM

Bieito Balboa é um estudante que colabora com várias revistas e blogs de cinema. Desta vez aproxima-nos um relato que bem poderia estar sacado de algum filme, isso se não o lemos até o final.

CINEMA

Escutando as nossas elites, uma cultura ainda conformada quase inteiramente em torno do idioma e com a literatura como epicentro, pergunta-se como podem admirar-se tanto Joyce ou Foster Wallace e logo gostar (ou praticar) do cinema mais rançoso e (falsamente) clássico? Onde fica o desejo de rutura do (aparente) progressismo? Talvez no conservadorismo formal dum Costa-Gavras ou dum Loach, eternos símbolos da nossa preguiça? Morreu a pintura com Velázquez ou o cinema com John Ford?

A GALIZA NATURAL

Da 'pesca' aos leviatãs nos mares do Finis Terrae

João Avelado

"Sobe um atalaia à ponta de uma serra que cai sobre o mar, e dali vê saltar de longe quantidade de água para cima fazendo muita espuma, e ainda a mesma baleia vem a metade do corpo fora da água; e assim o atalaia dá aviso aos marinheiros, os quais, armando as suas barcas e pondo dentro muita quantidade de cordas, e atados nos cabos uns dardos arpoados, vão-se a elas, e lançando-os, como se sentem feridas, vão logo muito bravas para o alto do mar levando metidos aqueles arpões, e os pescadores, dando sempre corda, seguem-nas até que já muito sangradas e perdendo aquela fúria, trazem-nas puxando delas, onde, fazendo grandes lumes, fazem delas muito óleo".

LICENCIADO MOLINA, *Descripción del reyno de Galizia* (1550).

Rua Atalaia em Camarinhas, Santa Maria da Atalaia em Laje, Pico do Atalaieiro nas Ilhas Sisargas, Monte da Atalaia em Caião, Castro da Atalaia em S. Cibrão, Caminho da Atalaia em Foz, Ponta da Atalaia em Tápia... são apenas alguns exemplos de uma memória toponímica que fala da nossa tradição baleeira.

Dizem que a caça aos cetáceos começou na Galiza por volta dos séculos XII ou XIII e sob influência basca, tendo especial relevância no Cantábrio e na Costa da Morte. Em 1669, Cosme de Médici, herdeiro do Grã-Ducado da Toscana, visitou Malpica de Bergantinhos curioso por conhecer "o mais famoso porto de pesca às baleias que chegam desde os afastados mares nortenhos da Noruega e da Groenlândia". Na vila bergantinã ainda se conservam chaves e peças feitas com os ossos e as vértebras destes mamíferos marinhos e temos conhecimento, por restos encontrados em velhas construções, de que as ossamentas eram muitas vezes utilizadas como traves. Nesta primeira etapa, que podemos denominar artesanal, a "pesca" aos cetáceos realizava-se entre Todos os Santos e o Carnaval desde pequenas embarcações de madeira. Capturava-se, princi-

palmente, a baleia-franca-do-atlântico-norte (*Eubalaena glacialis*), espécie que foi levada à quase extinção (fica, no entanto, uma pequena população formada por uns 450 indivíduos no Atlântico ocidental e, às vezes, raríssimas vezes, observa-se alguma baleia-franca nas costas europeias, como a avistada em 1993 em frente da Estaca de Vares).

Polos escritos do iluminista José Cornide Saavedra sabemos que em 1788 as vilas do litoral já tinham abandonado

a atividade baleeira. Mas em 1920, ressuscita a baleação nos nossos mares. Primeiro seriam os noruegueses e depois empresas galegas como Massó e Industria Ballenera S.A., com fábricas em Ponta Baleia (Cangas), Canelinhas (Cee) e Morás (Cervo). A frota galega trabalhava num raio de 150 milhas a partir dos seus portos base e, segundo dados da Sociedade Galega de História Natural, entre 1971 e 1980 foram caçados 4.338 exemplares de espécies como o cachalote (*Physeter macrocephalus*), a rorqual-comum (*Balaenoptera physalus*), a rorqual-boreal (*Balaenoptera borealis*) e a rorqual-azul (*Balaenoptera musculus*). Um espécime desta última media 29 metros de comprimento.

No dia 28 de abril de 1980, afundavam no porto de Marim os baleeiros IBSA I e IBSA II, como consequência da explosão das bombas que colocaram no seu interior militantes da organização Sea Shepherd. Começava o ocaso da matança de cetáceos

na Galiza, ainda que só fosse em outubro de 1985 que foi capturada a última baleia por pescadores galegos...

No ano a seguir já vigorava a moratória estabelecida pela Comissão Baleeira Internacional.

Herman Melville escreveu no seu arqui-famoso romance *Moby Dick*: "E não me venham dizer que nenhum escritor importante ainda não tratou da baleia. Pois está lá, na Bíblia, quando o livro de Jó se refere a Leviatã, o grande monstro do mar".

A propósito, para os navegantes britânicos do século XIX, as águas da Costa da Morte eram especialmente medonhas e entre eles espalhou-se a crença supersticiosa de as Ilhas Sisargas serem um colossal leviatã encalhado, que reavivava nos vendavais para fazer naufragar os navios. Temiam, talvez, o espírito vingativo de alguma das vítimas da carnificina dos gigantes dos mares?





Etnologia medieval do 'Códice Calistino'

C. C. V.

Muito se falou no último ano do *Códice Calistino*, e porém ainda não sabemos quando nada do que as suas páginas dizem. O roubo deixou em evidência o completo desleixo institucional face ao nosso património nacional, e os privilégios extraleais da Igreja, mas não nos ajudou demasiado a conhecer o Códice em si. Quiçá porque rompe tópicos que se criam eternos, e fale do povo galego como o mais parecido ao francês, de nome ser porque os galegos eram "iracundos e litigiosos"; enquanto os castelhanos aparecem como "maus e viciosos". O capítulo VII do Livro V do Códice, mais conhecido como "Guia do Peregrino", constitui um valioso documento etnográfico do século XII, atribuído a Aimerico Picaud, quem visitou a nossa terra arredor de 1130.

Começa descrevendo o povo pictavense, cuja capital é Poitiers. Umha terra "fecunda, excelente e cheia de todo género de bens", sendo a sua gente "valente e lutadora, mui destros no manejo do arco e da lança na guerra, animosos no combate, mui rápidos na carreira, cuidadosos no vestir, de facções bem marcadas, arteiros na expressão, generosos nas recompensas e pródigos na hospitalidade".

Mas porque deixamos para o final a descrição de bascos e navarros? Pois porque a sua preocupação face a moral cristã fijo que não nos roubassem antes de 2011 o *Códice Calistino*. Em 1572 o cronista de Filipe II Ambrosio de Morales, chegou ao nosso país inventariar os bens patrimoniais de Galiza, com o encargo do rei espanhol de levar para o recém construído mosteiro de El Escorial quanto topasse de valor.

Falou-se muito do *Códice Calistino*, mas sabemos pouco do que dizem as suas páginas

Não surpreende pois que Aimerico fosse conhecido como "o poitevino", visto o etnocentrismo que destila a descrição.

Deixando para mais adiante a descrição dos bascos e navarros, chegamos à breve nota que versa sobre Castela, da que louba as suas riquezas e critica duramente as gentes:

"...passados os Montes de Oca, em direção a Burgos, prossegue o território espanhol em Castela e Campos. É umha terra cheia de tesouros, de ouro, de prata, rica em telas e vigorosos cavalos, abundante em pão, vinho, carne, pescado, leite e mel. Porém, está falta de árvores e cheia de homens maus e viciosos".

Para a continuação descrever a Galiza:

"É terra viçosa, com rios, pradarias, extraordinários campos de macieiras, bons frutos e cristalinas fontes, mas de poucas cidades, vilas e terras de labor. Está falta de pão de trigo e vinho, mas abundante em pão centeio e sidra, bem abastecida em gado e cavalarias, em leite e mel, e em pescados marinhos grandes e pequenos; rica em ouro, prata, telas, peles selvagens e outras riquezas; até é mui abundante em mercadorias árabes de valor. Os galegos são o povo que mais se semelha à nossa nação gaulesa, entre os demais povos hispanos, se não

for porque são mui iracundos e litigiosos".

Entre as maravilhas compostelanas, descreve as sete portas da cidade: Porta Francesa, Porta da Pena, Porta de Sofrades, Porta do Santo Peregrino, Porta Fageira ou Faxeira –dependendo da interpretação de *de Falgeriis*–, Porta Susamnis e a única que se conserva, a Porta de Mazarelos; todas elas estudadas pela Comissão de Memória Histórica da Gentalha do Pichel, que as situou no terreno num roteiro de há uns meses. Mas o que mais chamou a atenção de Aimerico foi umha fonte situada na porta norte da Catedral, e que não se conserva: "umha admirável fonte que não tem parêlha no mundo", feita por um tal Bernardo, tesoureiro de Santiago em 1112. A fonte tinha "umha formosíssima cunca de pedra de forma circular e cóncava, a modo de cubeta ou de cunco, de tal tamanho que calculo que bem podem banhar-se nela comodamente quinze pessoas. No centro ergue-se umha coluna de bronze, grossa no fundo, heptagonal e de proporcionada altura. Do seu remate saem quatro leões...". Devia ser também espectacular o paraíso, como então lhe chamavam ao adro, onde hoje está a praça do Obradoiro: "pavimentado de pedra, onde se vendem cunchas aos peregrinos, como símbolos de Santiago. Também se ven-



A Porta de Mazarelos é a única que se conserva da antiga Compostela / Wikipédia

dem ali botas de vinho, sapatos, mochilas de pele de cervo, sacas, correias, cintos e ervas medicinais de todo tipo e demais espécies".

Mas porque deixamos para o final a descrição de bascos e navarros? Pois porque a sua preocupação face a moral cristã fijo que não nos roubassem antes de 2011 o *Códice Calistino*. Em 1572 o cronista de Filipe II Ambrosio de Morales, chegou ao nosso país inventariar os bens patrimoniais de Galiza, com o encargo do rei espanhol de levar para o recém construído mosteiro de El Escorial quanto topasse de valor. O homem ficara prendado do *Códice Calistino*, mas ao chegar ao Livro V do que estamos a falar asustou-se e não quis saber nada da obra: "quien quiera que fue el Autor, puso allí cosas tan deshonestas y feas que valiera harto más no haberlo escrito". Refere-se, sem nengumha dúvida, à espectacular descrição que Aimerico faz de bascos e navarros:

"Já se vê que vestem porcamente, igual que comem e bebem também porcamente, pois na casa dum navarro há por costume comer toda a família, o mesmo o criado que o amo, a criada que a senhora, misturando todos os pratos numha soa cazola, e sem colheres, senão com as próprias mãos. E também bebem todos da mesma jerra.

Quando os vê comer, parecem cans ou porcos. E se os ouves falar, lembras-te do ladrar dos cans, polo bárbaro da sua língua [...]. É um povo bárbaro, diferente em costumes e natureza a todos os demais, cheio de maldades, de cor negro, de aspecto iníquo, malvados, perversos, traidores, desleais, lujuriosos, borrachos, agressivos, ferozes e selvagens, desalmados e réprobos, ímpios e rudos, cruéis e malandros, sem nengum tipo de virtude e afeitos a todos os vícios e crueldades, iguais em maldades aos árabes, e inimigos frontais da nossa nação gaulesa. Por umha miserável moeda, um navarro ou um basco liquida um francês, se pode. Em algumas zonas, em Biskaia ou Áraba, por exemplo, os navarros, enquanto se aquecem, amossam as suas partes, o homem à mulher, e a mulher ao homem. Aliás, os navarros copulam incestuosamente (sic) com o gado. E ainda se diz que os navarros põem nas ancas da sua mula ou da égoa umha proteção, para que não possa penetrá-la ninguém mais do que ele. Ainda mais, dá-lhe beijos lujuriosos na vulva à mulher e à mula. Por todo isto, as pessoas bem formadas não podem menos que reprovar os navarros".



A FOTO

Xermán García Romal

Lírio do Monte ou Lirio do Jurês (*Xiphion boissieri*). Trata-se dum endemismo da Galiza e norte de Portugal muito localizado em branhas do complexo Jurês-Gerês, O Courel e O Pindo (com escasso número de exemplares). E as recentes descobertas da Serra do Testeiro ou da Serra do Careom, onde foi realizada esta fotografia. A espécie está catalogada “em perigo crítico” a nível internacional pola IUCN.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construçõs faraónicas vazias de con-
tido e das homenagens florais descontextualizadas, está a
criaçom. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

ativo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e
com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com
cada novo número fornecemos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e
todas estades convidados a participar.
Escreve para literaria@novasgz.com.

Diz Bieito Balboa que el escreve do que gosta. E gosta muito do cinema, por isso colabo-
ra com nós com um relato que bem puidera estar sacado de algúm filme americano, isso
se nom o lemos até o final. Lembrai que vós também podeades participar do NOVAS DA
GALIZA enviando os vossos textos a literaria@novasgz.com.

This ain't a road movie

Lembras aquelas tardes de
verão com a música a toda
tralha no carro viajando de
Los Ángeles a Santa Mónica as
janelas abertas porque sempre
havia uma vaga de calor uma
cervFeja na mão excediamos o lími-
te de velocidade e fugiamos do sher-
riff escoitando todas aquelas band-
das de garagem que davam concer-
tos na cidade fumando erva como
já fizeram os nossos pais na univer-
sidade atracamos um 7-Eleven com
a pistola de papá e o sheriff aciona-
va a sereia para nos perseguir e
pisavamos o acelerador paramos a
recolher duas rapazas em bikini na
praia de Malibu faziam dedo que-
riam chegar a México tequila calor
drogas baratas e *beautiful señori-
tas* e o carro do sheriff nunca nos
alcançou porque atravessamos a
fronteira a douscentos por hora
ouveando pola janela aberta com a
música de garagem de Los Angeles
e a cerveja fria e a erva e a pistola
de papá e as rapazas em bikini?

Pero eu nunca estive em
Califórnia. Eu tou atrapado neste
autocarro caminho da fábrica, 3'5
euros a hora por meter folhetos de
publicidade dentro dos sobres.
Chove coma sempre e aqui as
rapazas nom vam em bikini. Se eu
fosse um moço americano, pode-
ria atracar um 7-Eleven e fugir do
sheriff em um carro descapotável.





LÍNGUA NACIONAL

Que têm em comum?

Valentim Fagim

Consuelo é um mulher de Almedilha, Salamanca, lugar onde ainda se fala português entre as pessoas idosas, como é o caso dela. Outrora, há vários séculos, Almedilha era território português e esse é o motivo de existir esta ilha linguística. No documentário *Entre Línguas* ela afirmava que quando ia a Coimbra, a Guarda ou a Santiago de Compostela falava português e que nós, os galegos, falávamos português.



(A) Manual escolar de 1980 e (B) manual escolar de 1985.

Manuel tem muito contacto com pessoas de diferentes comunidades. Com todos fala em inglês, exceto com os portugueses, com quem usa o mesmo código que usava seu pai quando falava entre eles

Sofia é uma miúda de 3 anos a quem seus pais, de vez em quando, passam um vídeo musical da youtube que diz assim: "Meu pintinho amarelinho, cabe aqui na minha mão, quando quer comer bichinhos, com seus pezinhos ele cisca o chão, ele bate as asas, ele faz

"piu-piu!" mas tem muito medo é do gavião." Ao ouvi-lo começa a saltitar e acompanha cantando a canção. Se lhe perguntares em que língua está a canção, responderá que em galego.

Manuel é um norte-americano de origem galega que vive em Rhode Island. Seu pai emigrara nos anos 40. O Manuel tem muito contacto com pessoas de diferentes comunidades, a chinesa, a negra, a italiana, a portuguesa. Com todos fala em inglês, exceto com os portugueses com quem usa o mesmo código que usava seu pai quando falava entre eles.

Consuelo, Sofia e Manuel têm algo em comum. Não passaram pelo sistema educativo galego.

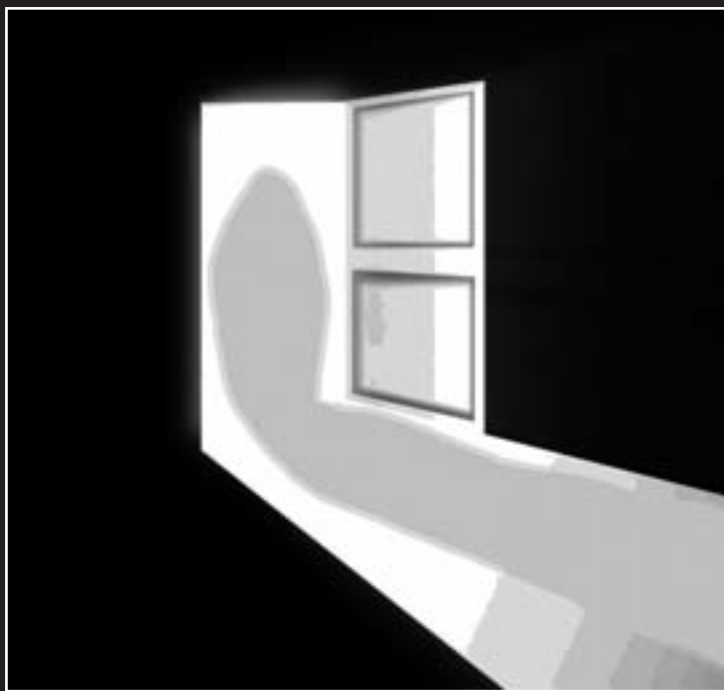
CINEMA

Quando a grandeza passa pela nossa porta

Xosé Manuel Sande

Adeslumbrante e plural produção audiovisual galega dos últimos tempos teve adequada exibição na secção *Panorama Galicia*, desenhada pelo crítico Martin Pawley para o estimulante certame dirigido por José Luis Losa em Santiago de Compostela, o já felizmente clássico Cineuropa. É difícil encontrar um ano mais brilhante, mesmo radical, apesar de todas as dificuldades económicas, combinadas para a ocasião com o quotidiano e absoluto desconcerto/desamparo institucional que atravessa o setor.

As diversas ruturas articuladas (financiamento; liberdades narrativas; ecletismo ou heterodoxia de conteúdos e formas; hibridação de géneros e formatos; itinerâncias em muitos casos bem sucedidas por festivais mundo adiante: Cannes, Marselha, Locarno, Mar del Plata, FICUNAM, Roma, Vancouver, BAFICI, Jeonju, Lisboa, Viennale) mostram como vivemos tempos de mutações em que o espertar dum



contingente de novos criadores galegos que têm em comum um claro gesto criativo baixo procedimentos de produção entendidos como alternativos não é em absoluto alheio a isto. Pela primeira vez e sem rodeios podemos afirmar que não existe um atraso com respeito à produção de

vanguarda mundial, o que, motivo de singular reflexo, não é óbice para a indiferença das elites culturais e de boa parte dos meios de comunicação.

Marcados por um passado fraco, entre a inexistência e a fragilidade, e pela dependência de estruturas maiores (sempre o

cinema espanhol), na Galiza decidiu-se há tempo que o audiovisual era estratégico. Umha interessante decisão que deveria ir acompanhada de movimentos a distintos níveis e/ou escalas. O que nunca pareceu determinar-se é que o cinema ou as diversas manifestações audiovisuais podiam amparar também um facto cultural e artístico entre outras cousas suscetível de ensino, de formação – surpreende a sua ausência dos sucessivos planos de estudos no ensino regrado em paradoxal paralelismo com o crescendo em importância do conglomerado audiovisual –, de difusão, de projeção exterior, sen necessidade dum sustento estrito ou exclusivamente industrial. A procura de canais de difusão, distribuição, exibição e as mudanças ocorridas nestes anos som um paradigma nesse sentido dumha problemática situação maior (novamente a do cinema espanhol em global).

Porém, umha das grandes peculiaridades no caso galego passa pelo efeito de receção. Na irregular assistência, interesse e/ou acolha ao cinema galego em Cineuropa, um nome podia senom lembrar até a reiteração obsessiva o conceito de cinema de reconhecimento – frente ao cinema de conhecimento – que definia o historiador José Enrique Monterde: "aquele que partindo dumha aparência política, geralmente temática, não pretende

tanto a reflexo como a aderência, remetendo o sentido político ao exterior do filme. Portanto, reduz-se a ação do espectador à contemplação passiva ou como máximo emocional, a partir de estabelecer umha série de coartadas remetentes àquilo que o espectador já conhece antes de visionar o filme". A autocomplacência de qualquer âmbito cortês deixa ver assim as suas estratégias. Escutando as nossas elites, umha cultura ainda conformada quase inteiramente em torno do idioma e com a literatura como epicentro, um pergunta-se como podem admirar-se tanto Joyce ou Foster Wallace e logo gostar (ou praticar) do cinema mais rançoso e (falsamente) clássico? Onde fica o desejo de rutura do (aparente) progressismo? Talvez no conservadorismo formal dum Costa-Gavras ou dum Loach, eternos símbolos da nossa preguiça? Morreu a pintura com Velázquez ou o cinema com John Ford? Por que na chamada construção de país fica a cultura (e consequentemente a formação), tal como o conservadorismo político estabelece nos seus programas, no último lugar? E por último: abortaremos por inanição este momento plural e criativo insólito? Que ocorre quando a grandeza passa pela nossa porta e olharmos para outro lado? A lucidez parece responder: deixemos de lamentar-nos e fagamos o esforço. *Alea jacta est.*